



TAWANY APARECIDA DE PAULA

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL/DISCURSIVA DAS
PERSONAGENS FEMININAS NA SÉRIE TELEVISIVA
“GAMES OF THRONES”**

**LAVRAS – MG
2022**

TAWANY APARECIDA DE PAULA

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL/DISCURSIVA DAS
PERSONAGENS FEMININAS NA SÉRIE TELEVISIVA
“GAMES OF THRONES”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do Curso de Letras Português/Inglês e
suas licenciaturas, para obtenção do título de
Licenciada.

**Prof. Dra. Márcia Fonseca de Amorim
Orientadora**

**LAVRAS-MG
2022**

TAWANY APARECIDA DE PAULA

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL/DISCURSIVA DAS PERSONAGENS FEMININAS NA
SÉRIE TELEVISIVA “GAMES OF THRONES”**

**THE SOCIAL/DISCURSIVE CONSTRUCTION OF FEMALE CHARACTERS IN
THE TELEVISION SERIES "GAMES OF THRONES"**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do Curso de Letras Português/Inglês e
suas licenciaturas, para obtenção do título de
Licenciada.

APROVADA em:

Dr.
Dr.

UFLA
UFLA

**Prof. Dra. Márcia Fonseca de Amorim
Orientadora**

LAVRAS-MG

2022

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar a oportunidade de estar concluindo a graduação, por ter chegado até aqui com saúde e força.

A meus pais Elimara e Edimilson, e ao meu irmão Nathan, que sempre estiveram ao meu lado em todas as fases da minha vida, sempre me deram apoio e suporte e acreditaram em minha capacidade. Eu amo vocês.

À minha orientadora, professora Márcia Fonseca de Amorim, por ter sido uma professora maravilhosa, que me cativou a estudar uma teoria até então nova para mim, por ter me orientado de forma excelente, por ter tido paciência em me orientar, ajudar, motivar e acatar minhas ideias. Sou muito grata a senhora.

Aos professores do curso de letras que fizeram parte da minha graduação e que me deixaram ensinamentos tanto para a vida profissional quanto para a vida pessoal, sendo eles essenciais para minha futura profissão.

À Residência Pedagógica que foi um programa essencial para minha formação profissional, junto com meus colegas bolsistas, professora orientadora do projeto Helena Maria Ferreira, e as preceptoras, especialmente Racicheyli de Oliveira, seus ensinamentos foram fundamentais para mim.

Ao grupo de estudos NEADI, Núcleo de Estudos em Análise de Discurso, por todas discussões, reflexões e trocas de conhecimentos.

Aos meus colegas da graduação que estiveram presentes em vários momentos de minha formação, trocando experiências, risadas e sempre nos ajudando.

Aos meus amigos da vida, por toda a força e encorajamento que vocês me deram durante minha formação.

“Só percebemos a importância de nossa voz quando somos silenciados” (Malala Yousafzai).

RESUMO

O presente trabalho se dedica a refletir sobre a relação discurso/ideologia e a analisar a construção e o desenvolvimento das representações femininas na série televisiva *Game Of Thrones* a partir de uma proposta teórica do Campo dos estudos linguísticos, a Análise do Discurso (AD). Ancorada nos pressupostos teóricos da AD, especialmente nos trabalhos de Orlandi (2020), Pêcheux (1988, 1997, 2015), Maingueneau (2008), Achard (1999) e Amossy (2016) sobre sujeito, ideologia e formação discursiva, o presente estudo promove uma análise das transformações sofridas por três personagens de grande relevância para a trama: Arya Stark, Sansa Stark e Daenerys Targaryen. O corpus do trabalho constitui-se de cenas capturadas das diversas temporadas da série. Para isso, a metodologia utilizada foi a realização de uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico e de abordagem qualitativa. A partir da análise realizada, constatou-se e refletiu-se sobre os conflitos vividos por mulheres que rompem com representações impostas a elas por uma sociedade patriarcal que dita as ações que competem a elas, delimitando o modo como elas se inscrevem nas práticas discursivas.

PALAVRA-CHAVES: análise do discurso, ideologia, representações sociais femininas, *Game Of Thrones*, práticas discursivas.

ABSTRACT

The present work is dedicated to reflect on the discourse/ideology relationship and to analyze the construction and development of female representations in the television series *Game Of Thrones* from a theoretical proposal of the Field of linguistic studies, Discourse Analysis (AD). Anchored in the theoretical assumptions of AD, especially in the works of Orlandi (2020), Pêcheux (1988, 1997, 2015), Maingueneau (2008), Achard (1999) and Amossy (2016) on subject, ideology and discursive formation, the present study promotes an analysis of the transformations suffered by three characters of great relevance to the plot: Arya Stark, Sansa Stark and Daenerys Targaryen. The corpus of the work consists of scenes captured from the different seasons of the series. For this, the methodology used was to carry out an exploratory research with a bibliographic nature and a qualitative approach. From the analysis carried out, it was verified and reflected on the conflicts experienced by women who break with representations imposed on them by a patriarchal society that dictates the actions that are their responsibility, delimiting the way they are inscribed in discursive practices.

KEYWORDS: discourse analysis, ideology, female social representations, *Game Of Thrones*, discursive practices.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Descrição de Arya Stark na primeira temporada feita por Septã Mordane	27
Figura 2 - Arya conversa com seu pai Eddard Stark.	28
Figura 3 - Arya conversa com Gendry Baratheon nos últimos episódios da série	30
Figura 4 - Arya no último episódio da série.	31
Figura 5 - Sansa Stark no primeiro episódio da série em um diálogo com sua mãe.....	32
Figura 6 - Sansa Stark no primeiro episódio da série em um diálogo com sua mãe. 2.	33
Figura 7 - Joffrey humilha Sansa diante de várias pessoas do reino, pedindo para que um de seus homens rasgue suas roupas e a agrida fisicamente e verbalmente	34
Figura 8 - Sansa conversa com seu pai	35
Figura 9 - Sansa conversa com seu pai. 2.	36
Figura 10 - Sansa na quinta temporada da série, quando se casa com Ramsey Bolton e é violentada por ele.....	37
Figura 11 - Sansa conversa com Sandor Cleagane.	38
Figura 12 - Sansa se torna a Rainha do Norte	39
Figura 13 - Daenerys e seu irmão Viserys.	41
Figura 14 - Daenerys sendo adorada pelo povo que libertou.	42
Figura 15 - Daenerys faz um discurso sobre si mesma.....	43
Figura 16 - Daenerys faz um discurso sobre si mesma. 2.....	44

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DA SÉRIE TELEVISIVA - <i>GAME OF THRONES</i>	13
2.1. A CASA STARK.....	13
2.2. A CASA LANNISTER	13
2.3. A CASA TARGARYEN.....	14
3. ANÁLISE DO DISCURSO: UM BREVE PERCURSO TEÓRICO	15
3.1. DISCURSO, SUJEITO E IDEOLOGIA.....	16
3.2. MEMÓRIA DISCURSIVA E ESQUECIMENTOS.....	19
3.3. FORMAÇÃO DISCURSIVA E FORMAÇÃO IMAGINÁRIA	21
3.4. AUTODEMOSTRAÇÃO DO SUJEITO – O ETHOS	23
4. O PAPEL FEMININO EM GAME OF THRONES.....	26
4.1. ARYA STARK.....	26
4.2. SANSA STARK	32
4.3. DAENERYS TARGARYEN	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
6. REFERÊNCIAS.....	48

1. INTRODUÇÃO

A sociedade em que estamos inseridos atualmente está em constante (re)construção devido às transformações ocorridas com o passar do tempo, dentre elas o protagonismo feminino por meio do qual as mulheres têm assumido posições de destaque em várias esferas sociais, como família, política, religião e trabalho. Ao longo da história, no ocidente, elas seguiram diversas regras determinadas socialmente e, por grande parte do tempo, foram privadas de direitos e de gerenciarem suas próprias vidas, uma vez que, por centenas de anos, elas foram controladas por homens, fossem eles seus pais, fossem seus maridos, ou até mesmo seus filhos.

Embora as mulheres em grande parte do mundo tenham sido subjugadas pelos homens em diferentes sociedades, nos últimos séculos, movimentos organizados por elas vêm buscando um tratamento mais igualitário para homens e mulheres. Um exemplo desses movimentos é o sufrágio universal, que consistiu em garantir o direito ao voto a todos os cidadãos adultos, independentemente de sexo, etnia classe, renda ou alfabetização. A declaração universal dos direitos humanos (1948) afirma que o sufrágio universal é um direito humano básico, sendo ele essencial à sociedade.

A luta das mulheres por uma sociedade mais igualitária tem exigido um esforço muito grande por parte delas, principalmente no que diz respeito à inserção em cargos públicos. O sufrágio feminino, conhecido também como a primeira onda do feminismo, surgiu na Inglaterra, no século XIX, alcançando o mundo no século XX, o que veio a modificar a posição da mulher no processo eleitoral e no cenário político em diversos países. As mulheres reivindicaram o direito ao voto, uma vez que o fato de não possuírem direitos políticos impedia que elas conquistassem também direitos jurídicos e sociais, tais como: o direito ao divórcio, o direito de possuir propriedades em seus nomes e, também, o direito à educação.

O feminismo é atualmente um dos temas mais discutidos na sociedade, juntamente com o chamado “empoderamento feminino”, aquele que diz respeito à luta das mulheres por seus direitos e espaço em uma sociedade ainda marcada pela desigualdade de renda, pela violência de gênero e pelo machismo. Há, portanto, uma mudança de paradigmas acompanhada por transformações culturais e sociais que ocorreram com o passar do tempo.

Tendo em vista as constantes lutas travadas pelas mulheres pelo reconhecimento social como seres semelhantes aos homens, neste estudo, pretendemos analisar a representação social da mulher em uma obra de ficção de grande audiência, *Game of Thrones*¹, à luz da proposta teórica da Análise do Discurso de cunho materialista. A análise proposta visa traçar a trajetória

¹ A série *Game of Thrones*, se passa em um universo fictício, em uma sociedade fantasiosa na era medieval.

de três personagens femininas ao longo da série, ressaltando as mudanças de comportamento pelas quais cada uma delas passou. Tal análise visa responder à seguinte questão: que representação social as personagens femininas constroem de si mesmas ao longo da série?

Visando responder a essa questão e alcançar o objetivo central deste estudo, analisaremos os discursos materializados durante a série em diferentes tempos em que a trama se passa. Assim, buscamos, também, destacar a mudança significativa no modo como as mulheres representam a si mesmas em relação ao seu papel social, além da mudança na forma de se posicionarem e assumirem novos posicionamentos ideológicos enquanto sujeitos, seres sociais, dando ênfase à ruptura promovida entre o discurso assumido por elas e o discurso patriarcal, o que reforça uma ideia muito difundida na atualidade de busca pelo empoderamento feminino.

Para a realização deste trabalho, elegemos como aparato teórico a Análise do Discurso de linha francesa com base nos estudos de autores como: Maingueneau (2008,2013), Orlandi (2020), Pêcheux (1988, 1997,2015) e Amossy (2016). Levando em consideração que o objeto de análise será a série, o que estará em evidência será o discurso materializado na trama, tendo em vista a historicidade desse discurso, a ideologia que o perpassa e o sujeito que o dissemina.

O trabalho conta com cinco capítulos, sendo o primeiro a introdução; o segundo capítulo consiste em uma breve apresentação da série; o terceiro capítulo apresenta o quadro teórico que embasa as reflexões propostas no trabalho; o quarto capítulo trata das transformações ocorridas com as mulheres de *Game Of Thrones*, articulando elementos da série com a teoria estudada; o quinto e último capítulo traz as considerações finais sobre o estudo realizado. Em seguida, são apresentadas as referências que fundamentaram as discussões apresentadas.

A metodologia deste trabalho envolve uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfica pautada no dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso, realizando uma abordagem qualitativa dos dados. Por meio da perspectiva discursiva que a AD nos proporciona, é possível traçarmos reflexões e análises para que possamos observar a relação existente entre língua e ideologia, relação que resulta nos sentidos e nas posições que os sujeitos ocupam em determinados espaços, contextos e situações. Além disso, a partir dessa perspectiva, também é possível analisarmos como a ideologia age na língua e impacta na materialidade discursiva.

Como recorte para a coleta do corpus, foram selecionadas diversas cenas dentre as oito temporadas que integram a série, com o intuito de analisar os discursos propagados nas/pelas falas das personagens selecionadas para este estudo. As cenas coletadas para esta parte do trabalho, foram retirada da própria plataforma de *streaming* em que a série está inserida, todas as cenas utilizadas estão no formato legendado. As leituras e discussões realizadas nos permitiram algumas reflexões sobre a representação social feminina no decorrer da série – como

os discursos foram construídos *a priori* e como foram se desenvolvendo e se modificando com as transformações ocorridas na trama.

2. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DA SÉRIE TELEVISIVA *GAME OF THRONES*

*Game Of Thrones*² é uma série televisiva produzida por David Benioff e Daniel Brett Weiss embasada nos livros *As crônicas de gelo e fogo* escritos por George R. R. Martin. A série conta com 8 temporadas que somam 73 episódios, sendo eleita a melhor do século, no ano de 2020, de acordo com a revista Digital Spy. Originalmente, *Game of Thrones* foi transmitida pelo canal HBO, desde 17 de abril de 2011 até 19 de maio de 2019, quando o último episódio foi transmitido, finalizando a série.

A história de *Game Of Thrones* envolve drama, ficção e fantasia e se passa nos *Sete Reinos* de *Westeros*, um continente na parte ocidental do *Mundo Conhecido*. Na história, há também *Essos*, outro continente que se encontra a leste de *Westeros*. Entre os dois, há o *Mar Estreito*. Os *Sete Reinos* foram liderados pelo rei Robert Baratheon, que conquistou o Trono de Ferro após a guerra da conquista, tirando o poder de Aerys II Targaryen, também conhecido como rei louco. A proposta da série gira em torno de um jogo de poder repleto de traições, fraudes, assassinatos, acordos políticos, romances, alianças e conflitos entre as principais famílias nobres dinásticas, com um único objetivo: a conquista do Trono de Ferro.

As principais casas dinásticas de *Game Of Thrones* são:

2.1. A CASA STARK

A casa Stark de *Winterfell* é uma das grandes e principais casas de *Westeros*, responsável por governar o *Norte* e o *Vale de Arryn*. A casa Stark na série é formada por Eddard Stark, atual rei do norte, sua esposa Catelyn Stark, e seus cinco filhos: Robb, Sansa, Arya, Bran e Rickon, além dos cinco filhos, há também Jon Snow, filho bastardo de Eddard.

2.2. A CASA LANNISTER

Assim como a casa Stark de *Winterfell*, a casa Lannister é também uma das grandes casas de *Westeros* e também uma das famílias mais ricas e poderosas. Os Lannisters governam as *Terras Ocidentais* e, após a extinção da Casa Baratheon, eles passam a ser considerados a família real dos Sete Reinos. A casa Lannister é composta pelos irmãos Cersei Lannister, Jaime Lannister, Tyrion Lannister, filhos de Tywin Lannister. Cersei possui três filhos, Joffrey, Myrcella e Tommen. A princípio, todos seriam frutos de seu casamento com Robert Baratheon,

² Apesar de a série *Game Of Thrones*, ser uma série fictícia, sua trama foi inspirada em fatos históricos, como por exemplo a guerra das rosas, em que duas famílias reais disputaram o trono da Inglaterra no século XV.

porém, ao longo da série, descobre-se que todos são frutos da relação incestuosa de Cersei com seu irmão Jaime.

2.3. A CASA TARGARYEN

A casa Targaryen é uma grande e antiga casa de *Westeros*. Foi responsável por governar os *Sete Reinos* por três séculos até ser retirada do poder por meio da guerra da conquista liderada por Robert Baratheon. Na série, a casa é composta por Viserys III e sua irmã Daenerys, os últimos sobreviventes da dinastia Targaryen.

Ao pensarmos em uma série que se passa nos tempos medievais, é comum imaginarmos que o cenário da trama gira em torno de um ambiente masculino marcado pelo patriarcado e pela presença de cavaleiros, armaduras, separação de casas, guerras entre regiões, sob domínio de um rei. Esperamos que as mulheres desenvolvam papéis poucos relevantes no desenrolar dos acontecimentos. Essa postura é um reflexo do imaginário social sobre a mulher no mundo já que, no padrão imposto pela sociedade daquela época, as mulheres não eram capazes de gerenciarem suas vidas e, por isso, o casamento com um homem era uma obrigação e, também uma condição de sobrevivência. A mulher tinha como função cuidar da casa, dos filhos e do marido, sendo sempre submissa à uma figura masculina.

Com o tempo, as mulheres passaram a questionar esse imaginário de mulher frágil, dependente e submissa materializado por um discurso construído no interior de uma formação discursiva machista, conservadora e patriarcal. E é exatamente isso que ocorre na série *Game Of Thrones*, uma ruptura com esse perfil imposto pela sociedade e esperado das mulheres. As personagens femininas da trama mostram uma consolidação da transformação da representação social mulher, subvertendo a narrativa inicial da trama e assumindo novos posicionamentos ideológicos de acordo com o desenvolvimento e as transformações ocorridas ao longo da série.

Conforte dito anteriormente, a fundamentação teórica eleita neste estudo é a Análise do Discurso de linha francesa, proposta teórica que irá integrar o capítulo a seguir.

3. ANÁLISE DO DISCURSO: UM BREVE PERCURSO TEÓRICO

A Análise do Discurso (AD) é uma proposta teórica no Campo dos Estudos Linguísticos que estuda o modo como os discursos são construídos e disseminados em diferentes práticas sociais. Trata-se de uma abordagem que visa analisar o modo como algo que se diz é dito, que fatores envolvem as condições de produção do dizer e que ideologias são propagadas nas ações discursivas. Por meio da AD, é possível analisar diferentes corpora, com enfoque na relação sujeito/língua/materialidade histórica. Para essa perspectiva teórica, o indivíduo é interpelado em sujeito por uma dada ideologia. O sujeito, no interior da Análise do Discurso, é clivado, descentrado, assujeitado a uma dada ideologia que age em seu inconsciente.

Para Pêcheux (2015), além de sujeitos pragmáticos, também somos sujeitos da linguagem, ou seja, a relação dos sujeitos com o mundo se dá por meio da linguagem. Assim, as relações discursivas entre sujeitos ocorrem por meio dela, o que nos leva a considerar que ela é responsável pela interação humana.

Todos os sujeitos que vivem em sociedade possuem conhecimentos relacionados às coisas do mundo e esses conhecimentos são intermediados pela linguagem. Por esse motivo, geralmente, esses conhecimentos de mundo são propensos a equívocos e diferentes interpretações, conforme postula Pêcheux (2015). Nesse sentido, o sujeito possui grande interferência nas produções de sentido, durante a construção de um enunciado. Pêcheux (2015) afirma que toda descrição está exposta aos equívocos da língua e que todo enunciado está sujeito a se tornar outro, devido às condições de produção, de interpretação, da própria materialidade discursiva e da historicidade que a atravessa.

Ancorada nos estudos de Pêcheux, Orlandi (2020) defende o ponto de vista de que, na Análise do Discurso, busca-se entender o processo que envolve a construção de um dado dizer, em sua materialidade, o discurso, tendo em vista o fato de que a língua e a ideologia são partes constitutivas do sujeito. É por meio da língua posta em ação que ele significa as coisas do mundo e se significa. Para a AD, a língua é fundamental na relação do sujeito consigo mesmo, com o outro e com o mundo a sua volta. A esse respeito, Orlandi afirma que

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando, (ORLANDI, 2020, p.13).

De acordo com Orlandi (2020), a Análise do Discurso trabalha a relação da linguagem com sua exterioridade. Dessa forma, as condições de produção de discurso devem ser levadas em consideração para que as regularidades da linguagem e de sua manifestação verbal, a língua, assim como as relações de sentidos, possam ser encontradas nos diferentes dizeres que perpassam as práticas sociais. Os estudos voltados para os discursos têm como objetivo refletir sobre os sentidos produzido no tempo e no espaço das práticas sociais, dissociando a percepção de sujeito, condicionando a independência do objeto linguístico, Orlandi (2020).

A Análise do Discurso reflete acerca da forma como a linguagem se manifesta por meio de uma língua e trata o discurso como a materialidade da ideologia, conforme defende Orlandi (2020). A partir da perspectiva de que a materialidade do discurso é a língua e de que a materialidade da ideologia é o discurso, as concepções de língua, discurso e ideologia estão diretamente relacionados. Para Orlandi (2020), não há discurso sem sujeito, assim como não há sujeito sem ideologia.

Nesse sentido, a autora entende que o discurso é um espaço em que se percebe a relação existente entre a língua e a ideologia, é por meio dela que os discursos se materializam. Segundo Orlandi (2020), nos estudos voltados para os discursos, forma e conteúdo não são separados, e a língua, como bem pontua Pêcheux, não é compreendida somente como estrutura, mas também como acontecimento.

De acordo com Orlandi (2020, p.24), “a Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido”. Desse modo, é possível percebermos o quão abrangente e complexo é o discurso e também sua análise, já que no âmbito da corrente teórica da AD encontramos outras categorias de análise que perpassam os estudos do discurso propriamente dito, como os conceitos de formações discursivas e formações imaginárias, ideologia, memória, *ethos* discursivo, categorias de análise que serão abordados nos próximos tópicos deste trabalho.

3.1. DISCURSO, SUJEITO E IDEOLOGIA

Orlandi (2020) defende que a concepção de discurso proposta pela Análise do Discurso distingue-se do processo de enunciação, que se constrói de um emissor, de um código, de um referente e de uma mensagem, que seria um dado dizer proferido. Já na perspectiva da Análise do Discurso, entendemos que um processo comunicativo não se trata apenas de um repasse de informações, por isso optamos por tratar da enunciação como objeto de estudo, com todos os

elementos que a constituem, a saber: os sujeitos que interagem, os dizeres proferidos por eles, a ideologia disseminada, o tempo e o espaço da interação discursiva e os efeitos de sentido.

O discurso, pela perspectiva da AD, não pode ser compreendido como uma transmissão de informações. Segundo Orlandi (2020), é no uso corrente da linguagem que os sujeitos e os sentidos são constituídos pela língua e pela história. Ocorre, de acordo com a autora, todo um processo de constituição desses sujeitos e também das produções de sentidos, deixando claro que não se trata apenas em uma transmissão de informação. Orlandi (2020) afirma ainda que a linguagem só constrói sentido pelo fato de se inscrever na história. Desse modo, o discurso pode ser entendido no interior da AD como efeitos de sentidos entre locutores.

É válido ressaltar que, segundo Orlandi (2020, p. 20), os termos discurso e fala não devem ser confundidos.

O discurso não corresponde à noção de fala pois não se trata de opô-lo à língua como sendo está um sistema, onde tudo se mantém, com sua natureza social e suas constantes, sendo o discurso, como a fala, apenas uma sua ocorrência casual, individual, realização do sistema, fato histórico, assistemático, com suas variáveis etc. O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível aprender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto, (ORLANDI, 2020, p. 20).

Dessa forma, conseguimos relacionar o estudo de Orlandi, com o de Maingueneau (2008), que em seu livro *Gênese dos discursos*, nos afirma que as concepções de discurso são definidas de formas muito diferentes e abrangentes. Sob o olhar da escola francesa da Análise do Discurso, o discurso pode ser entendido como um emaranhado de textos em que as formas históricas, neles presentes, possibilitam defini-lo como um lugar de regularidades enunciativas.

Pêcheux (1969) se preocupa em determinar a relação existente entre o discurso e a prática política. Essa ligação, segundo ele, é perpassada pela ideologia. Como citado acima, o discurso não existe sem que haja sujeito, e o sujeito não existe sem que haja uma ideologia – nesse sentido, entende-se que discurso, sujeito e ideologia estão imbricados. O sujeito consegue se significar e se construir historicamente em um dado tempo e em um dado espaço por meio da ideologia.

Segundo Pêcheux (1969), o sujeito é efeito ideológico, já que é enquanto sujeito que qualquer indivíduo é interpelado a ocupar um determinado lugar na sociedade. Nesse sentido, entende-se que, de acordo com a perspectiva da Análise do Discurso, o sujeito não corresponde a uma forma física, mas sim a uma posição (posição de sujeito) que um indivíduo consegue materializar por meio discurso.

O sujeito, nos estudos do discurso, é constituído social e historicamente. Orlandi (2020, p.46) afirma que o sujeito é atravessado pela linguagem e pela história e, dessa forma, “ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas”.

O que difere o sujeito no interior da Análise do Discurso de outras perspectivas teóricas, segundo Orlandi (2020), é o fato de ele ser interpelado pela ideologia. Nesse sentido, ao proferir um dizer, o sujeito dissemina uma dada ideologia.

Um dos pontos principais da Análise do Discurso é compreender a noção de ideologia. Para Althusser (citado por PÊCHEUX, 1969, p.30), “A ideologia não existe senão por e para os sujeitos”. Esse posicionamento é também assumido por Orlandi (2020, p.44), para quem “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos”. Todo indivíduo só se torna agente de uma prática social enquanto sujeito. Nisto, há um contraponto, pois a noção de que sempre somos sujeitos causa um apagamento na evidência de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, o chamado esquecimento.

Dessa forma, podemos compreender o sujeito como um indivíduo ideológico, ou seja, é um sujeito inconsciente, que produz e reproduz dizeres sem saber que estes são referenciados por uma dada ideologia. Esta, de acordo com Orlandi (2020, p.45), “não é ocultação, mas função da relação necessária entre linguagem e mundo. Linguagem e mundo se refletem no sentido da refração, do efeito imaginário de um sobre o outro.”. A autora também afirma que a “ideologia e inconsciente estão materialmente ligados”, e ao pensar na ideologia por essa concepção, devemos pensar na interpretação. Orlandi (2020, p.45) completa sua ideia ao afirmar que, “para que a língua faça sentido, é preciso que a história intervenha, pelo equívoco, pela opacidade, pela espessura material do significante.”

A ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido, e ela faz com que haja sujeitos. O efeito ideológico pode ser considerado como a constituição do sujeito. Segundo Orlandi:

Pela interpelação do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade. Por seu lado, a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique produzindo o efeito de evidência do sentido (o sentido-lá) e a impressão do sujeito ser a origem do que diz. Efeitos que trabalham, ambos, a ilusão da transparência da linguagem, (2020, p. 46)

De acordo com essa concepção, entendemos que a linguagem, assim como os sentidos e os sujeitos, não é transparente. Do mesmo modo, na língua, manifestação da linguagem,

história e ideologia encontram-se imbricada. Achard (1999, p.64) nos afirma que “o sujeito é assujeitado, pois para falar precisa ser afetado pela língua. Por outro lado, para que suas palavras tenham sentido é preciso que já tenham sentido. Assim dizemos que ele é historicamente determinado.” Nesse sentido, entendemos que a ideologia produz seus efeitos nos discursos, materializando-se neles.

Para compreender melhor a relação sujeito/ideologia/historicidade, é preciso repensar os conceitos de memória e de esquecimento, ambos são relevantes para os estudos do discurso, por isso serão abordados no tópico a seguir.

3.2. MEMÓRIA DISCURSIVA E ESQUECIMENTOS

Pêcheux (1999, p.51), em seus estudos sobre interdiscurso, afirma que a “memória deve ser entendida [...] não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas e da memória construída do historiador”. De acordo com Pêcheux (1999), quando pensamos em memória discursiva, entendemos que ela se trata de um mecanismo semântico dentro de um discurso e, dessa forma, o seu funcionamento ocorre através de repetições, formando uma regularidade discursiva que invoca significados por meio dos pré-construídos.

Quando Achard aborda a memória (1999, p.13), ele nos afirma sobre a importância de estarmos atentos ao fato de que toda estruturação discursiva é capaz de construir a materialidade da memória social. A esse respeito, Pêcheux nos afirma que:

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos,etc) (PÊCHEUX, 1999, p.52).

Orlandi (2020) nos diz que a memória faz parte da produção dos discursos, e nessa perspectiva ela é tratada como interdiscurso, o saber discursivo é o que torna possível todos os dizeres e retorna sob a forma do pré-construído, ou seja, o já-dito está na base do dizível, sustentando cada palavra. Orlandi (2020, p.29) também assevera que “o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.” Ou seja, em todo discurso, os sentidos estão sendo significados no momento em que algo é dito, pelo fato de que esses sentidos se situam em já ditos por outros sujeitos em outras situações.

Orlandi (2020, p.30) afirma que “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras”. Desse modo, para que nossas palavras façam sentido, é necessário que elas já façam sentido antes mesmo de as proferirmos. De acordo com Orlandi (2020, p.31), “isto é o efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o ‘anonimato’, possa fazer sentido em ‘minhas’ palavras. Orlandi (1999, p.59), no texto *Maior de 1968: os silêncios da memória*, nos diz que “o sujeito é historicamente determinado, pelo interdiscurso, pela memória do dizer: algo fala antes, em outro lugar, independentemente”.

Orlandi (1999, p.65) defende o ponto de vista de que, “da mesma forma que a língua é sujeita a falhas, a memória também é constituída por esquecimentos.” Segundo Pêcheux (citado por Orlandi, 1999, p.65), “a memória é um ritual com falhas, sujeito a equívoco, de tal modo que, do já dito e significado, possa irromper o novo, o irrealizado. No movimento contínuo que constitui os sentidos e os sujeitos em suas identidades na história”.

Segundo Pêcheux (citado por Orlandi, 2020, p.33), há duas formas de esquecimento no discurso, a saber: o esquecimento número um e o esquecimento número 2. O esquecimento número um, também chamado de esquecimento ideológico, é resultante de forma em que somos afetados pela ideologia. Por meio desse esquecimento, temos uma espécie de ilusão de que temos de ser a origem do nosso dizer, enquanto na verdade somente retomamos aquilo que já foi dito, ou seja, retomando sentidos preexistentes. Orlandi (2020, p.33) nos afirma que, “embora os sentidos se realizem em nós, eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade”.

O esquecimento número dois, de acordo com Orlandi (2020), refere-se à ordem da enunciação: quando proferimos um dizer, escolhermos certas formas ao invés de outras, para dizer o que desejamos, com a esperança de que esses dizeres só poderão ser entendidos da forma que queremos, ou seja, o sujeito tenta controlar a interpretação de seus interlocutores por meio da língua. Dessa forma, esse esquecimento é semiconsciente, pelo fato de que o sujeito escolhe o que vai dizer e como vai dizer. Conseqüentemente, esquece-se de que a forma de dizer não é indiferente à interpretação. Nesse sentido, o sujeito não possui controle sobre o seu interlocutor.

Orlandi (2020, p.33) afirma que, “quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo”. Ou seja, os discursos não se originam em nós, mas a língua e a história se realizam em nós em sua materialidade, isso é um requisito para que haja sujeitos e sentidos. De acordo com Orlandi (2020), o esquecimento é estruturante e faz parte

da constituição de sujeitos e sentidos, os sujeitos “se esquecem” de que o que dizem já foi dito, para que ao se identificarem com os dizeres proferidos se constituam em sujeitos. E é dessa forma que as palavras fazem sentido, se significam e retomam palavras que já existem.

Em relação a esses esquecimentos, eles estão interligados à formação imaginária, uma vez que o sujeito consegue imaginar uma projeção da imagem do seu interlocutor. O interlocutor também faz uma projeção de si mesmo e da imagem do outro. Além disso, o conceito de memória discursiva também está associado ao de formação discursiva, pois é por meio da memória discursiva que toda formação discursiva se constitui. Essa ideia será um pouco mais aprofundada no tópico a seguir.

3.3. FORMAÇÃO DISCURSIVA E FORMAÇÃO IMAGINÁRIA

O conceito de formação discursiva é fundamental para a Análise do Discurso. De acordo com Pêcheux,

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito, (PÊCHEUX, 1988, p.160).

Dessa forma, segundo o autor, a formação discursiva exerce um papel fundamental para o sujeito enquanto falante, pois é a partir dela que se é possível determinar o que deve e pode ser dito em uma dada circunstância. Uma formação discursiva pode ser entendida como um modo próprio de dizer, sendo ela a materialização do discurso de uma formação ideológica, é a forma com que a ideologia se manifesta no discurso.

Segundo Orlandi (2020), a noção de formação discursiva nos permite a compreensão acerca do processo de construção de sentidos. Ou seja, o sentido não existe em si, na verdade, ele é definido pelos posicionamentos ideológicos que são colocados em prática quando os dizeres são proferidos e, dessa forma, os sentidos podem ser alterados segundo as posições dos sujeitos que falam. Orlandi (2020, p.41) ainda nos diz que “as palavras não têm sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem”.

Segundo a autora Orlandi:

Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele, (ORLANDI, 2020 p.41).

Entendemos que um sujeito se constitui por uma interpelação, que acontece de forma ideológica por meio de sua inscrição em uma formação discursiva. Diante disso, temos a interpelação e o assujeitamento do indivíduo enquanto sujeito ideológico, o que faz com que cada indivíduo venha a ocupar uma determinada posição em uma formação social, denominada por Pêcheux de posição sujeito.

Outro conceito importante para a Análise do Discurso é o de imaginário, sendo ele fundamental para a compreensão de como os discursos são produzidos. Orlandi (2020, p.38) atesta que “nas relações discursivas, são as imagens que constituem as diferentes posições”. Isso ocorre durante uma dada situação discursiva em que um sujeito falante profere dizeres a um interlocutor que se encontra numa determinada posição na formação social, essa posição é representada no discurso justamente pelas formações imaginárias, que são responsáveis por determinar a imagem e o modo de se posicionar de cada sujeito durante o discurso. Ou seja, é por meio do imaginário que a representação social de cada sujeito discursivo na sociedade é designado.

Segundo Orlandi (2020), nossa sociedade é formada por relações hierarquizadas e, por esse motivo, muitos dizeres são sustentados por poderes concedidos a alguns sujeitos, o que traz mais propriedade e poder de fala durante a situação de interação. Isso se dá pelas chamadas “relações de força”. Orlandi (2020, p.37) ainda aborda que as condições de produção também são parte constitutiva do discurso, como por exemplo, a relação de sentidos. Para a autora, “não há discurso que não se relacione com outros”, ou seja, os sentidos são resultados da relação entre vários e diferentes discursos.

Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis, (ORLANDI, 2020, P.37).

Outro ponto também destacado por Orlandi (2020) é o mecanismo de antecipação responsável pela capacidade que todo sujeito tem de conseguir se colocar no lugar de interlocutor e “ouvir” suas palavras, ou seja, ele se antecipa a seu interlocutor em relação ao sentido que seus dizeres produzem. Esse mecanismo consegue regular a argumentação, e o sujeito irá falar de um modo ou de outro, de forma que consiga produzir um determinado efeito de sentido em seu ouvinte, seja ele um adversário, seja ele um cúmplice.

Esses mecanismos apontados acima se apoiam nas chamadas formações imaginárias, pois é por meio delas que o sujeito consegue realizar projeções. Orlandi (2020, p.39) afirma

que “pensando as relações de forças, a de sentidos, e a antecipação, sob o modo do funcionamento das formações imaginárias, podemos ter muitas e diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história”. Dessa forma, entendemos que a ideologia constitui seus efeitos no discurso, e se materializa nele, e o sujeito enquanto sujeito discursivo reproduz esses sentidos, porém Orlandi (2020, p.50) aborda que “nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente”, ou seja, eles estão sujeitos a rupturas e modificações.

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever/dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas (ORLANDI, 2020, p.51).

Ao pensar na construção do sujeito e sua relação com a ideologia, com a memória e as formações discursivas e imaginárias, iremos abordar no próximo tópico a noção de *Ethos*, dada a relevância que essa noção tem para este estudo.

3.4. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE SI – O ETHOS

Desde a antiguidade, o termo *ethos* está presente quando se trata de construção do discurso. De acordo com Amossy (2016, p.10), “os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório”. O conceito de *ethos* está fortemente ligado à enunciação. Nos estudos do discurso, este conceito está vinculado à construção de uma imagem do sujeito que se desenvolve a partir do discurso e por meio da enunciação. Dessa forma, é possível que o sujeito molde a sua imagem para se mostrar para o outro.

Segundo Amossy (2016, p.69), “além da persuasão por argumentos, a noção de *ethos* permite, de fato, refletir sobre o processo mais geral da adesão de sujeito a uma certa posição discursiva”. Ou seja, ao representar a imagem de si durante a enunciação de seu discurso, o sujeito busca se inserir em uma determinada posição social e discursiva. A autora aborda a retórica aristotélica a partir da ideia de persuasão, tendo em vista que essa abordagem não se limita apenas ao convencimento do outro, mas a identificar situações discursivas para modificá-

las, visando atender a um objetivo maior, qual seja, convencer o público-alvo. Amossy (2013), retrata as estratégias discursivas utilizada pelo sujeito para persuadir seu auditório.

De acordo com Roland Barthes (citado por Maingueneau, 2013, p.107), “a característica essencial desse ethos: “são os traços de caráter que o orador deve mostrar ao seu auditório”. Por meio da enunciação, o enunciador revela sua personalidade. Maingueneau (2013) ainda aborda sobre a possibilidade de o interlocutor conseguir construir imagens e representações do enunciador antes mesmo que ele fale.

Segundo Amossy:

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si, (AMOSSY, 2013, p. 9).

De acordo com Maingueneau (2013), o conceito de ethos discursivo se dá a partir de diferentes situações discursivas que abrangem enunciados orais, escritos, ou até mesmo verbo-visual representando uma pessoa ou mais, bem como instituições. Segundo ele, não há um ethos preestabelecido, mas sim uma construção da imagem de si, no momento da atividade discursiva. Para essa concepção, o ethos é construído na instância enunciativa e se idealiza por meio do dizer e do modo de agir do enunciador. Maingueneau ainda afirma que a construção da imagem durante o discurso está ligada aos traços de caráter que o orador deseja demonstrar ao seu público durante sua fala. O ethos se liga ao orador e diz respeito às escolhas linguísticas feitas por ele, e essas escolhas possibilitam a construção da imagem do orador.

Ainda seguindo a perspectiva teórica assumida por Dominique Maingueneau (citado por Orlandi 2013), o ethos é resultado de vários fatores que estão associados entre si, sendo eles o ethos pré-discursivo e o ethos discursivo. O ethos pré-discursivo diz respeito à imagem que o coenunciador constrói do enunciador, antes mesmo que este pronuncie algo. Já o ethos discursivo aborda o ethos dito e o ethos mostrado. O primeiro é construído por meio das referências diretas do enunciador; enquanto o ethos mostrado está naquilo que não é explicitado por meio do dizer e da imagem que não está claramente representada no texto, ele é criado por intermédio das pistas que o enunciador oferece ao coenunciador no momento discursivo.

A noção de ethos, de acordo com Maingueneau (2013), está relacionada à imagem do enunciador produzida no discurso, sendo esta imagem constituída no interior do discurso e em sua relação com o sujeito, o que afeta de forma direta diferentes elementos textuais-discursivos,

sejam eles verbais, não verbais, estéticos ou éticos, uma vez que esses elementos necessitam da incorporação e tom do enunciador e do interlocutor. Maingueneau ainda aborda que em todo texto existe uma vocalidade, ou seja, uma corporalidade e um tom que devem ser sempre relacionados com o posicionamento assumido pelo enunciador.

Amossy (2013), ao abordar a questão do ethos, postula que o locutor produz no discurso diferentes imagens de si, imagens que revelam diversas faces de sua identidade. A representação de si no discurso, além de promover autoridade ao locutor, permite que outros sujeitos compreendam essa imagem no momento em que o discurso é construído.

Amossy (2013) também distingue ethos discursivo de ethos institucional, refletindo sobre os efeitos de algumas construções conhecidas e conclui que a persuasão de ouvintes não se dá por questões racionais em estratégias argumentativas, já que os discursos legitimam suas próprias verdades. Dessa forma, a autora estuda diferentes características discursivas capazes de criar um ethos confiável. Nesse sentido, leva-se em conta a construção do orador sobre si mesmo e a idealização que o ouvinte faz daquele ao qual está ouvindo ou lendo. De acordo com os estudos de Amossy (2013), é possível compreendermos a influência do discurso para os ouvintes e a capacidade que o orador tem de transparecer e construir a imagem de si mesmo durante sua fala.

A diferença entre as abordagens do ethos aristotélico e o ethos trazido pela Análise do Discurso se deve ao fato de que, enquanto o primeiro trata da construção da imagem de si a ser constituída durante o discurso a fim de obter sucesso oratório, o outro se define pela construção do ethos em todas as ações de uma dimensão enunciativa, fazendo parte do posicionamento discursivo que é criado durante uma fala. Nesse sentido, podemos entender o ethos como uma forma de moldar as atividades e os enunciados que integram diferentes práticas sociais.

Buscando refletir sobre a forma como as personagens femininas da série televisiva *Game Of Thrones* foram construídas ao longo da narrativa, o próximo tópico deste trabalho se dedica a identificar as características e posicionamentos assumidos por três mulheres da história, Arya Stark, Sansa Stark e Daenerys Targaryen, a fim de verificar suas trajetórias e como elas representam uma ruptura com os estereótipos femininos no interior da trama, tendo em vista o espaço/tempo da narrativa, rompendo com um discurso oriundo de uma formação discursiva patriarcal, machista e conservadora.

4. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS FEMININAS EM GAME OF THRONES

A série *Game Of Thrones* trouxe em toda sua trajetória personagens femininas com destaque. Durante todas as temporadas, é evidente o papel fundamental que as mulheres desempenham e como o que tratamos atualmente como “empoderamento feminino” pode ser visto em um contexto social medieval.

Durante a primeira temporada da série, é notória a representação social das personagens femininas como sujeitos frágeis e submissos, como nos é apresentado nos primeiros capítulos da série, o que corresponde à representação social da mulher na era medieval, em que a mulher era objetificada e tinha como função na sociedade somente casar e gerar filhos para os seus maridos. Porém, no decorrer das temporadas, essa representação é modificada com o passar do tempo e com as mudanças que ocorrem na história.

A série surpreende o público ao trazer personagens que rompem com o estereótipo de mulher frágil imposto pela sociedade retratada na história. Dessa forma, percebe-se que *Game Of Thrones* propõe uma reflexão sobre a igualdade de gênero já que, a cada temporada, o imaginário da mulher ideal naquela sociedade é desconstruído, dando lugar a uma representação social feminina denominada na atualidade como empoderamento feminino. Essa mudança de paradigmas será retratada a partir da análise de três personagens femininas que exercem protagonismo em *Game Of Thrones*: Arya Stark, Sansa Stark e Daenerys Targaryen. Elas representam a mudança da representação social da mulher visto na primeira temporada em relação às últimas temporadas.

4.1. ARYA STARK

Como dito no primeiro capítulo, a casa de Stark é uma das principais casas existentes na série. Eddard Stark, o patriarca da família, possui cinco filhos biológicos e um filho bastardo. Dentre seus filhos, há duas mulheres, Arya Stark e Sansa Stark. Apesar de serem do mesmo núcleo familiar, as duas personagens possuem características diferenciadas uma da outra e assumem diferentes posicionamentos em relação às imposições sociais. Desde jovem, Arya promove uma ruptura com o discurso conservador da sociedade da época, coisa que sua irmã Sansa só consegue após se passarem muitos anos e passar por muitas situações que a fizeram amadurecer e assumir novos posicionamentos ideológicos.

Na primeira temporada da série, Arya Stark possui apenas 11 anos e, apesar de pouca idade, apresenta características atípicas para as mulheres da época em que a trama se passa. Arya, desde os primeiros minutos da série, constrói uma imagem de si baseada em suas perspectivas que são voltadas para um modo de agir que se distancia das demais mulheres de seu tempo, isto é, suas preferências diferem em relação aos desejos e anseios das outras mulheres da série. A personagem demonstra uma grande facilidade em lidar com armas do tipo arco e flecha e espadas, objetos considerados na época como de uso masculino.

A imagem 1, apresentada a seguir, traz uma cena da primeira temporada em que Arya Stark é descrita como uma mulher que age como uma besta. Tal descrição é feita por Septã Mordane que era responsável pela educação dela e de sua irmã Sansa.

Figura 1. Descrição de Arya Stark na primeira temporada feita por Septã Mordane.



FONTE: HBO MAX, 2022.

Na imagem acima, percebemos que Arya é chamada de besta, uma vez que ela age diferente de sua irmã Sansa. Arya nunca aceitou bem os ensinamentos para se tornar uma dama e, por esse motivo, nunca foi bem compreendida por sua família e por pessoas ao seu redor, além de não possuir habilidades com as atividades consideradas “femininas”, como por exemplo, costura e bordado. Ela também não se veste como as mulheres da época, que eram vistas utilizando vestidos bordados, cabelos longos e acessórios. A maior parte do tempo, Arya está utilizando roupas sujas, como camisas e calças e, por isso, muitas vezes é confundida com um garoto. Isso ocorre justamente pelo fato de a personagem Arya romper com o discurso tradicional materializado no contexto social da série.

Figura 2. Arya conversa com seu pai Eddard Stark.



FONTE: HBO MAX, 2022.

Na Figura 2, constituída por uma sequência de cenas da série, encontramos um diálogo entre Arya e seu pai, ainda nos primeiros episódios da primeira temporada. Arya é desenvolta e valente e sempre demonstra capacidade de lidar com situações difíceis, questionando os valores sociais e sempre buscando entender tudo o que se passa ao seu redor. Ela difere de sua irmã Sansa ao se posicionar discursivamente em relação à representação social que as mulheres deveriam assumir. Arya não demonstra interesse em casamento e reluta em relação às estereótipos estabelecidas socialmente para as mulheres.

A fala de Eddard Stark, pai de Arya, “você se casará com um poderoso lorde”, evoca um discurso machista, inscrito no interior de uma formação discursiva patriarcal. Trata-se de um discurso tradicional que reforça a memória discursiva de que as mulheres devem crescer e logo em seguida se casarem. Com isso, entendemos que, por se tratar de um personagem masculino, sua fala reproduz o discurso específico do homem da era medieval: um discurso

conservador que trata a mulher como submissa às determinações do genitor ou do marido. Sendo o discurso a materialidade da ideologia, esta age no inconsciente do sujeito e o leva a reproduzir aquilo que é tido por ele como algo inerente à natureza de homens e mulheres. Com isso, entendemos que O discurso (re)produzido por ele materializa uma ideologia machista que delimita as ações das mulheres nas diferentes práticas sociais.

No entanto, podemos ver que Arya discorda da fala de seu pai, respondendo que ela não é assim. Ao analisarmos a fala de Arya, percebemos que o discurso assumido por ela é atravessado por outras formações discursivas, ou seja, um discurso que se contrapõe a formações discursivas tradicionais. Ela rompe com o imaginário referente às representações que as mulheres daquela época deveriam assumir, mostrando-se uma mulher forte, corajosa, empoderada e independente. A atitude da personagem em discordar de seu pai, reflete a forma com que Arya se mostra perante à sociedade, ou seja, contrapondo padrões que eram impostos naquela época, um imaginário de mulher submissa e frágil. Como citado anteriormente, Arya demonstra ser uma adolescente já com traços de personalidade de uma mulher forte, ou seja, uma mulher que assume um tom e corporalidade totalmente oposto da maioria das mulheres a sua volta.

No segundo diálogo da imagem 2, também retirado dos primeiros episódios da primeira temporada da série, vemos Arya mais uma vez relutando contra as ideologias propagadas por seu pai. Arya se preocupa a maior parte do tempo em treinar com sua espada e se tornar boa nisso, e sempre está demonstrando aversão a assuntos de cunho tradicional, como o de ser uma dama, se casar e ter filhos.

Entendemos que a personagem assume um posicionamento discursivo de resistência às imposições da sociedade em que se encontra inserida, contra todos os discursos materializados na série principalmente por personagens masculinos, que reforçam as formações discursivas machistas, misóginas e patriarcais internalizadas na sociedade da época em que a série se passa e que retoma uma memória discursiva de sociedades patriarcais anteriores, pois como sabemos, a memória é constitutiva da história. Dessa maneira, conseguimos relacionar este fato demarcado na série, com os estudos de Orlandi (2020) e Pêcheux (1988) que nos trazem concepções acerca de conceitos que envolvem formações discursivas, formações imaginárias, e memórias, além de abordarem a forma com que elas afetam a construção do sujeito.

Figura 3. Arya conversa com Gendry Baratheon nos últimos episódios da série.



FONTE: HBO MAX, 2022.

Como podemos ver na Figura 3 que integra os últimos episódios da série, após se passarem sete anos desde o início da história, tempo da trama mostrado na primeira temporada, temos a personagem Arya já adulta, quando é pedida em casamento por Gendry Baratheon, personagem com quem conviveu na infância e com quem voltou a se encontrar ao longo da série. Ao analisarmos o diálogo acima, percebemos que, mesmo após anos, Arya manteve o discurso e a mesma postura assumida em sua infância em relação a sua representação social.

Observamos que a ideologia materializada no discurso assumido por Arya é oriunda de uma formação discursiva que rompe com o ideário feminino inscrito em formações discursiva tradicionais, patriarcais e misóginas. A personagem assume um tom e uma corporalidade que divergem da estereotipia da mulher medieval. Essa tomada de posição de Arya ocorre durante todas as temporadas, ou seja, entendemos que a personagem assumiu um posicionamento discursivo enquanto sujeito, atravessado por uma formação ideológica que ela carrega consigo desde os primórdios da série, em que manifesta o seu desejo de se tornar uma mulher forte, responsável por si mesma, independente, diferente dos padrões estabelecidos socialmente para

as mulheres. A personagem se mostra mais forte e mais determinada a romper com as barreiras sociais impostas às mulheres à medida que o tempo passa. Ao longo da trama, houve um grande amadurecimento por parte da personagem e uma mudança significativa na forma de representar a si mesmo e na forma de instituir uma nova representação social para a mulher. Arya passou grande parte da série sozinha e tendo que se livrar de diversas situações em que sua vida era colocada em risco, em uma constante batalha pela sobrevivência.

Ao final da série, percebemos que Arya se tornou a mulher que sempre almejou, independente e com grandes habilidades em lutas. Assim, entendemos que as transformações sofridas por ela durante a trama, como a perda de seus familiares, o fato de ter que viver sozinha durante anos, foram acontecimentos essenciais para que ela assumisse um posicionamento de determinação, força e coragem no fim da série e um modo de situar no mundo incompatível com as representações femininas imposta na sociedade medieval.

Visto isso, compreende-se que, apesar de a personagem Arya gostar de Gendry, ela resolve não renunciar a tudo aquilo que foi defendido por ela durante toda a série e recusa o pedido do rapaz, quebrando o paradigma de que a mulher deve sempre se casar. Ao recusar o pedido feito por ele, ela rompe com discurso proveniente de formações discursivas patriarcais e conservadoras de que a mulher naquela época deveria exercer um papel de submissão, em que sua única função social era a de casar e gerar filhos.

Figura 4. Arya no último episódio da série.



FONTE: HBO Max, 2022.

Na imagem acima, temos a última cena de Arya na série, quando a personagem tem seu destino revelado. Arya finalmente realiza seu desejo e se torna uma mulher independente e

embarca em um navio com destino a Oeste de *Westeros*, um local que não era conhecido, já que ali era onde os mapas terminavam.

Dessa forma, podemos refletir sobre os posicionamentos discursivos apresentados pela personagem que apontam para um imaginário de uma mulher forte e independente que se materializa nas práticas discursivas de um sujeito interpelado por uma ideologia que dita o *Empoderamento Feminino*.

4.2. SANSA STARK

Sansa Stark, também filha de Eddard Stark, e irmã mais velha de Arya, é bonita, possui longos cabelos ruivos, é educada, dócil, bem arrumada, destaca-se nas atividades consideradas femininas e tem como sonho principal casar-se com um príncipe e se tornar uma rainha. Ela pode ser considerada como o padrão ideal de mulher pela sociedade da trama.

Figura 5. Sansa Stark no primeiro episódio da série em um diálogo com sua mãe.



FONTE: HBO Max, 2022.

Figura 6. Sansa Stark no primeiro episódio da série em um diálogo com sua mãe. 2.



Fonte: HBO Max, 2022.

Nas imagens acima, temos um recorte da cena em que Sansa questiona a sua mãe, Catelyn, sobre o casamento com Joffrey Baratheon, o rapaz com quem Sansa sonhava em se casar, já que ele seria o próximo herdeiro do trono de ferro. Ao pensarmos na fala de Sansa e refletirmos sobre sua pressa em se casar, percebemos que, por meio de seu dizer, a personagem propaga uma ideologia tradicional fundamentada na divisão do trabalho do homem e da mulher. A época retratada na série remete a um tempo em que as mulheres deveriam se casar ainda jovens para que pudessem logo ter filhos.

Ao dizer que um dia será rainha, Sansa projeta uma imagem de si a partir de uma estereotípia feminina imposta pela sociedade da época, ou seja, Sansa mostra uma imagem de si pautada nos padrões socialmente impostos ao seu redor. Ela assume um posicionamento constituído a partir de um discurso pautado nas formações imaginárias que se tem construídas sobre as mulheres daquela época. Dessa forma, Sansa vê a si mesma da mesma forma com que vê outras representações femininas, qual seja: casando-se, tendo filhos e se tornando uma rainha. Essas representações femininas, enquanto sujeitos discursivos, refletem no posicionamento de Sansa, uma vez que ela assume um tom e corporalidade totalmente embasados às situações discursivas que ela tinha a seu redor, com isso, entendemos que a formação imaginária perpassa e afeta o sujeito numa dada situação discursiva, a ponto de fazê-lo assumir e disseminar um discurso de acordo com o que é propagado pela formação imaginária.

Figura 7. Joffrey humilha Sansa diante de várias pessoas do reino, pedindo para que um de seus homens rasgue suas roupas e a agrida fisicamente e verbalmente.



Fonte: HBO Max, 2022.

Na Figura 7, retratada acima, temos um momento da série em que Joffrey Baratheon, o rapaz o qual Sansa sonhava em se casar, humilha-a diante de várias pessoas e guerreiros do reino. Joffrey é um personagem extremamente cruel e sádico que, em vários momentos da série, protagonizou cenas chocantes ao humilhar diversos personagens, dentre eles, Sansa.

A cena exposta acima traz o discurso tradicional que circula na série durante as primeiras temporadas da trama e que remete a um imaginário social que se tem sobre as representações sociais femininas. Tal imaginário foi construído dentro de uma formação discursiva predominante na Idade Média, ou seja, uma formação conservadora e misógina. Com isso, percebemos que a personagem Sansa, retratada na imagem acima, é vista como uma personagem frágil e submissa, uma vez que tolera as atitudes abusivas de seu futuro marido Joffrey.

No início da série, conforme mostrado nas imagens acima, Sansa mostra-se uma mulher frágil e totalmente submissa aos homens da série. Conforme os estudos de Amossy (2016) e Maingueneau (2008), o ethos se trata da representação social que um sujeito realiza de si mesmo em um dado momento e um dado espaço. Ou seja, ao se portar de tal maneira perante Joffrey e os demais personagens masculinos da série, Sansa constrói uma imagem de si mesma, ou seja, ela se mostra para o outro como uma mulher frágil e como um sujeito totalmente incapaz de gerenciar sua própria vida.

Sansa, então, é considerada como uma personagem feminina que se encaixa perfeitamente no padrão discursivo designados às mulheres da trama. Um padrão discursivo materializado, re(produzido) por formações discursivas conservadoras, machistas e misóginas,

predominantes no contexto da série, de que as representações femininas deveriam sempre ser gentis, recatadas e que o casamento deve ser sua maior aspiração, independentemente de qualquer circunstância.

Figura 8. Sansa conversa com seu pai.



Fonte: HBO Max, 2022.

Figura 9. Sansa conversa com seu pai. 2.



Fonte: HBO Max, 2022.

Nas imagens acima, Figuras 8 e 9, temos um diálogo de Sansa com seu pai Eddard Stark. Na cena, temos um momento em que Eddard resolve mandar Sansa de volta para casa, já que o local que ali estavam era de grande perigo. Sansa, no entanto, questiona a decisão de seu pai, implorando para que se case com Joffrey. Sansa novamente profere dizeres relacionados ao seu casamento. Quando seu pai diz que irá encontrar um homem bom e que a mereça, Sansa o responde dizendo que não quer um homem corajoso, gentil e forte, mas que deseja se casar com Joffrey, para que se torne sua rainha e dê filhos a ele. Mesmo sabendo da índole e do caráter do personagem Joffrey, Sansa continua mantendo seu desejo de se casar com ele. Ao analisarmos as falar da personagem feminina, podemos perceber que Sansa é assujeitada a uma ideologia tradicional referente à representação feminina naquela época, além disso, ela é afetada por um imaginário social também tradicional, oriundo de uma memória instituída em uma sociedade patriarcal e conservadora.

Ao longo das temporadas, muitas reviravoltas ocorrem e diversos personagens assumem novos posicionamentos ideológicos devido aos acontecimentos da série. Com a morte de seu pai, mãe e irmão, e estando separada de seus outros irmãos, Sansa vive uma vida bastante

complicada, sofrendo diversas humilhações e tendo de se livrar de situações cruéis. Além disso, um homem no qual Sansa confiava bastante e que supostamente a ajudava, Petyr Baelish, conhecido como “mindinho”, traiu sua confiança e, por esse motivo, Sansa foi obrigada a se casar com Ramsay Bolton, o qual a humilhou e a violentou em sua noite de núpcias, sendo ele considerado um dos personagens mais cruéis da trama. Podemos notar esse acontecimento na cena abaixo, uma cena em que a personagem é silenciada.

Figura 10. Sansa na quinta temporada da série, quando se casa com Ramsey Bolton e é violentada por ele.



Fonte: HBO Max, 2022.

Quando a série caminha para seu fim, é o momento em que percebemos a grande mudança e evolução da personagem Sansa, quando ela reencontra seus irmãos, consegue finalmente se livrar de seu marido Ramsay e voltar para seu lar em *Winterfell*. Sansa já está uma mulher adulta, madura, que se desenvolveu muito ao longo da série, apresentando uma mudança expressiva no modo de se posicionar e de se situar no mundo.

Figura 11. Sansa conversa com Sandor Cleagane.



Fonte: HBO Max, 2022.

Na Figura 11, temos um diálogo já nos últimos episódios da oitava e última temporada da série. O diálogo ocorre entre Sansa e Sandor Cleagane, também conhecido como “Perdigueiro”. Ele foi um personagem que muitas vezes ajudou Sansa e inclusive a salvou de ser violentada em Porto Real ainda na segunda temporada da série. Sansa passa um bom tempo sem vê-lo e, quando o reencontra na oitava temporada, ela decide ir até ele para ter uma conversa e agradecê-lo pelas vezes em que ele a ajudou e a salvou.

Perdigueiro costumava chamar Sansa de passarinho e, quando ele a vê mudada após anos, diz a ela: “você mudou passarinho”, como podemos ver na imagem 11. Com a fala do personagem direcionada a Sansa, entende-se que ele também percebeu a mudança ocorrida com ela, a ruptura com o estereótipo de mulher frágil, mas ainda assim, ele a chama de passarinho. Quando Sandor diz a Sansa que nada teria acontecido com ela caso ela tivesse fugido com ele de Porto real, Sansa o rebate dizendo que, se tivesse fugido com ele, homens como Mindinho e Ramsay não teriam passado pela vida dela, e ela ainda continuaria sendo um “passarinho”. Ou

seja, Sansa considera que sua evolução como mulher e sua ruptura com os padrões impostos às mulheres naquela época se deu pelas situações por que ela passou durante toda sua trajetória na série.

Sansa, não mais assujeitada a uma ideologia tradicional, não se considera mais um “passarinho”, uma vez que ela se tornou uma mulher forte, inteligente e independente, sendo capaz de governar *Winterfell*, como veremos na imagem abaixo.

Figura 12. Sansa se torna a Rainha do Norte.



Fonte: HBO Max, 2022.

Na última cena de Sansa na série, ela é retratada se tornando a Rainha do Norte, responsável por governar *Winterfell*, como seu pai, Eddard, no princípio da trama. Ao analisarmos a trajetória de Sansa na série, percebemos sua enorme evolução como mulher devido ao seu modo de se posicionar discursivamente. Ela se mostra como uma mulher determinada pelo modo de agir de se mostrar para o outro. Até as vestimentas e penteados de Sansa sofrem mudanças, uma vez que a aparência feminina também é fruto de uma interpelação

ideológica. Ao se tornar rainha, Sansa finalmente materializou o seu discurso e realizou o seu desejo de se tornar rainha, mas não mais como submissa a um rei. Sansa tornou-se uma rainha, sem um rei, e por esse motivo entendemos que a personagem rompeu com o padrão discursivo conservador da época de que uma mulher só se tornaria rainha após se casar com um rei, uma vez que essa responsabilidade foi somente dada aos homens durante muitos anos.

Com a imagem acima, vemos que Sansa se mostra uma mulher totalmente diferente dos primeiros anos da série. Ao se tornar rainha, Sansa constrói uma imagem de si diferente da imagem construída por ela no início da trama. Ela não é mais a mulher frágil, é empoderada e independente, consegue governar um reino e também gerenciar sua vida sem ter um homem ao seu lado.

4.3. DAENERYS TARGARYEN

Daenerys Targaryen e seu irmão Viserys são os únicos sobreviventes da casa Targaryen, a maior dinastia de reis que já existiu no universo fictício da série. Daenerys possui longos cabelos platinados e possui uma aparência bastante meiga, o que remete a um imaginário de uma princesa.

No princípio da série, somos apresentados aos dois únicos sobreviventes Targaryen. Viserys, o irmão de Daenerys, tem um único desejo, o de retomar o trono de ferro, que fora tirado de seu pai, Aerys II, mais conhecido como o rei louco. Sua vontade incessante de se tornar um rei faz com que ele tome atitudes bastantes drásticas. A fim de ter a ajuda de um exército para poder retomar o trono de ferro, Viserys cria uma parceria com um poderoso Dothraki, Khal Drogo, para o qual ele negocia sua irmã Daenerys.

Figura 13. Daenerys e seu irmão Viserys.



Fonte: HBO Max, 2022.

Daenerys, assim como uma princesa da era medieval, tem um casamento arranjado e arquitetado por dois homens, o que reforça a existência de uma ideologia baseada em uma formação discursiva conservadora e misógina. Além disso, antes mesmo de seu casamento com Khal, Daenerys também já era submissa ao seu irmão, aceitando calada todas as suas decisões e atitudes. Após se casar por interesses políticos de seu irmão, Daenerys é maltratada por seu marido e fica sob seu domínio até meados da primeira temporada, quando ela resolve sair desse ciclo abusivo e usa sua sensualidade para conquistar o esposo.

Quando Daenerys consegue reverter sua posição dentro do seu casamento, as coisas tomam um rumo diferente na trama, ela não mais aceita as atitudes de seu irmão e se impõe perante ele. Com alguns novos acontecimentos na trama, o irmão e o esposo de Daenerys acabam falecendo e ela se torna, então, a última Targaryen. A partir desse fato, começa sua transição na série: Daenerys passa da representação social de mulher frágil e submissa para uma representação feminina forte e empoderada, que rompe com o estereótipo conservador, patriarcal e machista que à atravessou enquanto ela era submetida aos feitos de representações masculinas.

Após se tornar uma mulher independente, a trajetória de Daenerys Targaryen na série é marcada por grandes feitos, ela passa toda a série com um único objetivo: retornar a *Westeros* e reconquistar o trono de ferro usurpado de seu pai. Para alcançar seu grande objetivo, ela luta e consegue libertar soldados e escravos que se tornam grandes e fiéis aliados devido a seu grande senso de justiça e bondade.

Figura 14. Daenerys sendo adorada pelo povo que libertou.



Fonte: HBO Max, 2022.

Daenerys possui todas as características de um herói lendário, representação social sempre ocupada por homens. Quando uma mulher assume essa posição, ela quebra paradigmas e rompe com o discurso tradicional de que somente homens ocupam esse lugar. Daenerys se torna uma verdadeira heroína para o povo que ela libertou, passando a ser chamada por eles de *minha rainha*. Com isso, Daenerys, vê a si mesma como uma rainha forte e que possui todas as características para retomar o poder usurpado de seu pai no passado. Ou seja, interpelada por uma formação imaginária que a faz ver a si mesma como uma verdadeira rainha e mulher forte, ela passa a assumir um novo tom e corporalidade, conforme trazido por Maingueneau (2018), fazendo com que todos a sua volta a enxerguem da mesma forma. A partir disso, sua trajetória na série se torna ainda mais grandiosa, uma vez que ela está próxima de atingir o seu objetivo.

Figura 15. Daenerys faz um discurso sobre si mesma.



Fonte: HBO Max, 2022.

Figura 16. Daenerys faz um discurso sobre si mesma. 2.



Fonte: HBO Max, 2022.

Durante as oito temporadas da série, muitos fatos acontecem e, somente quando a série já caminha para o fim, Daenerys retorna a *Westeros*. Nas imagens 15 e 16, temos uma reflexão feita pela personagem sobre si mesma, descrevendo como foram os anos de sua vida

na tentativa de retornar a *Westeros*. Daenerys passou por muitas situações até que conseguisse chegar ao seu destino para finalmente reconquistar o trono.

As falas da personagem nos remetem a um discurso que interpela a mulher a uma ideologia do que conhecemos hoje por “empoderamento feminino”, ou seja, Daenerys se apresenta a nós como uma mulher forte e independente, que contrapõe todo o discurso conservador existente na época em que a série se passa. Nesse momento, Daenerys rompe com a imagem de si mesma projetada no início da série, quando finalmente conseguiu se livrar dos domínios masculinos e se torna uma mulher independente, exatamente como a mulher que profere o discurso presente nas imagens acima.

Outro ponto que também conseguimos perceber ao analisar a personagem é sua mudança de personalidade enquanto mulher por meio de suas vestimentas, assumindo um novo tom e uma nova corporalidade na forma de se portar. Ao vermos a primeira imagem de Daenerys na primeira temporada da série, observamos que as roupas usadas por ela dão um ar de pureza e meiguice, dando ênfase em sua beleza e feminilidade. Contudo, nas temporadas seguintes, vemos que Daenerys usa roupas que refletem uma nova personalidade e um novo posicionamento assumido. Dessa forma, por meio dos discursos disseminados pela personagem e também por meio de elementos visuais, percebemos a grande transformação ocorrida na vida de Daenerys Targaryen.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos um momento histórico e social no qual as discussões acerca do chamado “empoderamento feminino” tornam-se cada vez mais relevantes para o entendimento da necessidade de se haver igualdade de gênero. Tal empoderamento não diz respeito à busca de uma supremacia feminina, mas à busca de uma sociedade igualitária para ambos os sexos. Análises que compreendem essa igualdade na sociedade, tendo o empoderamento feminino como aliado, são essenciais para que se reduza os limites impostos às mulheres em diversas esferas sociais. Pensando nisso e em como as produções televisivas e cinematográficas fazem parte da rotina de espectadores, tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino, de diferentes classes sociais, este trabalho apesentou uma reflexão sobre a construção social da mulher em uma sociedade fictícia. Com isso, buscou-se também refletir sobre a construção social de homens e mulheres, como a sociedade trata de modo diferenciado homens e mulheres e como é possível estabelecer uma ruptura com os padrões impostos.

Game Of Thrones define a importância de novas práticas sociais em que as mulheres estão inseridas, uma vez que, além de reformular as representações sociais em um espaço/tempo em que predominavam formações discursivas patriarcais e conservadoras, a série também põe em questionamento as estereótipias socialmente estabelecidas e mostra a transformação do papel feminino, quebrando paradigmas impostos pela sociedade da época e ao mesmo tempo ressignificando o protagonismo feminino. Nesse sentido, entende-se que a série apresentou ao público discussões bastantes relevantes para o cenário social, político e ideológico atual como as novas representações assumidas por muitas mulheres e também as múltiplas representações de gênero.

A pesquisa buscou analisar como foram as transformações vividas pelas personagens femininas com base no percurso histórico da série e pela ótica dos estudos do discurso, em que conceitos como o de sujeito, ideologia, formação discursiva, imaginário, memória e *ethos* foram utilizados para a articulação da teoria com o olhar que lançamos sobre a representação social da mulher, objetivando evidenciar o modo como as personagens se construíam socialmente como sujeitos inscritos em um tempo e um espaço específico. A série ressaltou representações de papéis femininos que se aproximaram bastante das discussões contemporâneas sobre a mulher, nas quais assuntos como carreira, filhos e casamento têm sido amplamente discutidos.

Foram demonstradas na série diversas situações nas quais as personagens vivenciaram fases distintas de autonomia e de construção de identidades. Essas representações nos mostraram como as identidades sociais foram e ainda estão presas em formações discursivas

tradicionalmente patriarcais, uma vez que a própria ideia de “empoderamento feminino” remete a uma ruptura que ainda se encontra em curso. Ainda há pouca representatividade feminina em muitas instâncias da vida social.

Percebemos, então, que ao analisarmos o discurso sobre a mulher presente nas primeiras temporadas da série, vemos que materializa o imaginário sobre a representação assumida por ela com base no que socialmente lhe era imposto, reforçando formações discursivas conservadoras e misóginas que são pré-estabelecidas e pré-existentes àquela sociedade e à época em que a série se passa. Porém, ao analisarmos o passar dos anos na série, vimos que a representação social da mulher se transforma. Nesse sentido, as personagens, como sujeito de e do discurso passam a assumir novos posicionamentos ideológicos, além de apresentarem uma mudança significativa na forma de representarem a si mesmas, conforme a noção de *ethos* abordada neste trabalho.

Diante disso, entende-se a importância deste estudo, uma vez que a série traz ao público a possibilidade de repensar a representação social de homens e mulheres a partir das ações promovidas por mulheres fortes, independentes que rompem com a estereotipia da mulher submissa, e também de enxergar a representação social feminina como forte, empoderada e independente em uma sociedade que, apesar dos avanços tecnológicos, ainda é preenchida por ideologias machistas e patriarcais. Com isso, é possível perceber a grande importância das personagens femininas na série, representando personalidades fortes e independentes, possibilitando ao público espectador, principalmente o público feminino, novas projeções imaginárias para si mesmas e para o outro.

Conclui-se então que, assim como na série, muitas mudanças já ocorreram, mas ainda é necessário que o discurso sobre a igualdade de gênero seja disseminado, para que o imaginário da representação feminina não seja reforçado com base em discursos que não condizem com a projeção social desejada e buscada pela mulher na sociedade, principalmente no que diz respeito à participação dela em esferas com baixa representatividade feminina, como a esfera política.

6. REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre et ali. **Papel da memória.** Tradução e introdução. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de Si no Discurso:** a construção do ethos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** Tradução de Cecília P de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2013

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos.** Tradução Sírio Possenti. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

PÊCHEUX, M. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. (Tradução Eni P.Orlandi). 7ª Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. (1975). **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso.** (1969). Trad. Eni Orlandi. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. (Orgs.). Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3ª edição. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1997.